

Vida nova

Dante Alighieri

Vida Nova (1294)

Dante Alighieri (1265 -1321)

I

Naquela parte do livro da minha memória, antes da qual pouco poderia ler-se, há uma epígrafe que diz *Incipit vita nova* ⁽¹⁾. Sob tal epígrafe se encontram escritas as palavras que é meu propósito reunir na presente obrinha, senão em sua integridade, ao menos substancialmente.

II

Girando sobre si, já o luminoso céu tinha voltado nove vezes ao mesmo ponto, quando vi pela primeira vez a gloriosa dama de meus pensamentos a quem muitos chamavam Beatriz, na ignorância de qual fosse o verdadeiro nome. Havia passado da sua vida o tempo que demora o céu estrelado a percorrer para Oriente a duodécima parte de um grau. Vi-a, pois, quando eu quase acabava os nove anos de idade.

Levava traje de nobilíssima, singela e recatada, cor vermelha, e ia cingida e adornada da forma que convinha à sua pouca idade. Digo que, nessa altura, o espírito vital que habita a secretíssima câmara do coração começou a latir com tanta força que se mostrava espantosamente nas menores pulsações. Tremendo, disse estas palavras: *Ecce deus fortior me, qui veniens dominatibur mihi* ⁽¹⁾.

Nesse ponto, o espírito animal que mora na elevada câmara aonde todos os espíritos sensitivos do homem levam as suas percepções, começou a maravilhar-se muito e, dirigindo-se especialmente aos espíritos visuais, disse estas palavras: *Apparuit jam beatitudo vestra* ⁽²⁾. Por seu turno, o espírito natural, que reside onde se elabora o nosso alimento, começou a chorar, e, chorando, disse: *Heu miser! quia frequenter impeditus ero de inceps!* ⁽³⁾.

Desde então, o Amor assenhoreou-se, de facto, da minha alma, que logo a ele se uniu; e passou a ter sobre mim tanto ascendente, a exercer tal domínio, pela força que lhe dava a minha imaginação, que era eu obrigado a satisfazer quanto exigia. Mandava-me amiúde que procurasse ver aquela angélica criatura. Eu, infantil, punha-me a buscá-la; e via-a com aspecto

tão digno e nobre que decerto se lhe podiam aplicar aquelas palavras do poeta Homero: «não parecia filha dum mortal, mas sim dum deus».

E embora a sua imagem, que continuamente me acompanhava, se assenhoreasse de mim por ditame do Amor, tinha virtude tão nobilíssima que nunca sofreu que o mesmo Amor me regesse sem o fiel conselho da razão em tudo aquilo em que fosse útil atender a este.

Mas como a algum poderá parecer fabuloso que eu fale de paixões e factos de tão extreme juventude, deixá-lo-ei, para, passando em silêncio muitas coisas que poderia extrair de onde nascem estas, falar do que na memória vai escrito com maiores caracteres.

III

Passados os dias bastantes a que se cumprissem nove anos sobre a referida aparição da gentilíssima criatura, ocorreu que a maravilhosa mulher me appareceu vestida de alvíssima cor, entre duas gentis senhoras de maior idade. E, ao entrar numa rua, voltou os olhos para onde, receoso, me encontrava, e com inefável amabilidade, que o céu já terá recompensado, saudou-me tão virtuosamente que me julguei transportado aos últimos limites da beatitude.

A hora em que me dirigiu a sua dulcíssima saudação foi precisamente a nona daquele dia; e como era a

primeira vez que as suas palavras chegavam aos meus ouvidos, embargou-me tal doçura que, como embriagado, me afastei das gentes, e recorri à solidão dum quarto para aí pensar naquela delicadíssima mulher.

Pensando nela, sobreveio-me suave sono no qual me apareceu uma visão maravilhosa: parecia-me ver no meu quarto uma nuvenzinha cor de fogo, em cujo interior discernia a figura de um homem de temeroso aspecto para todo o que o olhasse; e mostrava-se, todavia, tão exultante, que era coisa maravilhosa. Entre muitas outras palavras que me dirigiu e que não pude entender, percebi esta: *Ego dominus tuus* ⁽¹⁾. Parecia-me ver entre os seus braços uma pessoa adormecida, quase nua, apenas vestida de róseo cendal; olhando com maior atenção, verifiquei que era a dama que no dia anterior se havia dignado saudar-me. E parecia-me que o homem sustentava numa das mãos algo que ardia intensamente, e, ainda, que me dizia estas palavras: *Vide cor tuum* ⁽²⁾. Ao cabo de alguns momentos pareceu-me que despertava a adormecida; e tanto se esforçava engenhosamente que lhe fazia comer o que lhe ardia na mão, coisa que ela executava com escrúpulo. Em breve se trocava a alegria da estranha personagem por amargo pranto. E assim, chorando, recolhia a dama nos seus braços, parecendo-me que subia com

ela para o céu. Tão grande angústia me tomou que não pude continuar o meu débil sono: quebrou-se e despertei. E, começando a pensar, verifiquei que a hora em que me apareceu a visão era a quarta da noite, ou, por outra, era a primeira das nove últimas horas da noite. Meditando no que me tinha aparecido propus-me dá-lo a sentir a muitos dos famosos trovadores daquele tempo. Como já me tivesse exercitado na arte de rimar, decidi fazer um soneto no qual, depois de saudar todos os devotos do Amor, lhes pediria que julgassem a minha visão. E comecei o soneto que abre com: *A toda a alma prisioneira, a todo o coração gentil.*

A toda a alma prisioneira, a todo o coração gentil,
até aos quais correndo vá o meu lamento
(e que diga cada um aquilo que sente)
saúde em seu Senhor, ou seja o Amor.
Quase se tinha atingido a hora
em que a luz estelar mais viva nos parece,
quando de súbito o Amor se me mostrou,
e de tal forma que lembrá-lo me horroriza.
Alegre me parecia, tendo
numa das mãos meu coração, e nos braços,
envolta num cendal, minha dama, adormecida.
Despertou-a; e desse coração, que ardia,
ela comia, receosa, humildemente.
Vi-o depois afastar-se soluçando.

DANTE

Este soneto divide-se em duas partes: na primeira, saúdo e peço resposta; significo na segunda o que se deve responder. A segunda começa em: *Quase se tinha atingido a hora*.

A este soneto muitos responderam com diversas sentenças. Entre todos figurava aquele a quem dou o nome de primeiro dos meus amigos ⁰. Escreveu, nessa altura, um soneto que começa: «Viste, a meu parecer, todo o valor». E pode dizer-se que esse foi o princípio da nossa amizade, ao saber ele que tinha sido eu que lhe havia mandado o poema. Por certo que o verdadeiro sentido do sonho referido não foi entendido por ninguém, sendo agora claríssimo para os mais simples.

IV

Desde aquela visão passou o meu espírito natural a ser contrariado na sua actividade, pois que a alma seguia toda entregue a pensar naquela gentilíssima mulher. Pelo que em pouco tempo me tornei de tão fraca e débil condição que muitos amigos se afligiam com o meu aspecto, e muitos outros, cheios de inveja, desejavam saber de mim aquilo que de todo eu queria ocultar a outrem. E eu, protegido das suas maliciosas

VIDA NOVA

perguntas pela vontade do Amor, o qual me dirigia conforme o conselho da razão, respondia-lhes que era o Amor quem me havia reduzido a tal estado. Dizia o Amor, porque trazia no rosto tantos dos seus sinais que o não podia dissimular. E quando me perguntavam: «Por quem te destruiu assim o Amor?», olhava-os sorrindo, e nada lhes dizia.

V

Um dia aconteceu que essa gentilíssima mulher estava num lugar onde se ouviam louvores à rainha da glória, e que eu me encontrava num ponto do qual via a minha beatitude; e no meio da linha que nos unia, a ela e a mim, estava uma formosa dama de muito agradável aspecto, a qual me mirava bastantes vezes, espantando-se com os meus olhares que pareciam tê-la por alvo. Foram muitos os que deram por isto, ao ponto de que, saindo de onde estava, ouvi dizer: «Vês como essa mulher destrói a pessoa deste homem?». Como a nomeassem, percebi que se referiam à que havia estado no meio da linha recta que partia da gentilíssima Beatriz e terminava nos meus olhos. Então animei-me muito com assegurar-me de que o meu segredo não era comunicado aos outros pela minha vista. E, no momento, pensei fazer dessa formosa dama o escudo da verdade. E de tal modo o mostrei em pouco tempo

que todas as pessoas que de mim falavam julgavam conhecer o meu segredo. Ocultei-me com essa dama durante anos e meses. Para fomentar a convicção dos outros dediquei-lhe algumas rimas que não quero transcrever aqui, apesar de se referirem também à gentilíssima Beatriz; omiti-las-ei, com excepção de alguma coisa que seja em louvor desta.

VI

Naquele tempo em que a mesma dama era escudo de tanto amor da minha parte sobreveio-me a vontade de recordar o nome daquela gentilíssima mulher, acompanhando-a de muitos nomes de mulheres e especialmente do dessa formosa dama. Tomando os nomes das mais belas mulheres da cidade onde a minha amada foi posta pelo Altíssimo, compus uma epístola em forma de «serventesio» que não transcreverei; nem a teria mencionado se não fosse para dizer o que, compondo-a, maravilhosamente aconteceu, ou seja que em nenhum outro número aceitou estar o nome da minha amada que não fosse o nono, entre os nomes dessas mulheres.

VII

Aconteceu que a dama, com quem durante tanto tempo havia dissimulado, a minha paixão, partiu para terras distantes; pelo que, com ficar sem a excelente defesa, me desconsoltei mais do que poderia ter crido no princípio. Pensando que se não falasse dolorosamente da sua partida as gentes mais depressa saberiam do meu fingimento, decidi lamentar-me num soneto que transcreverei porque a minha amada foi razão imediata de certas palavras que contém, conforme aparecerá a quem o entenda. Escrevi, pois, este soneto, que começa: *Ó vós que no caminho do Amor passais.*

Ó vós que no caminho do Amor passais,
dizei se há dor igual à minha, grave;
peço, apenas, que me ouçais,
e que, depois, imagineis
que sou de todo o sofrimento albergue e chave.
Deu-me Amor por sua fidalguia,
que não por virtude que não tenho,
uma vida tão doce e tão suave
que amiúde a gente atrás de mim dizia:
«Deus, porque estranha dignidade
tem este assim alegre o coração?»
Perdi, ora, toda a confiança

DANTE

que do amoroso tesouro dimanava;
pelo que tão pobre fico
que até para falar careço de valor.
Assim, fazendo como aqueles
que por vergonha ocultam seu tormento,
por fora sou contentamento,
ao passo que por dentro me consumo e choro ⁽¹⁾.

Tem este soneto duas partes principais. Na primeira, intento chamar os fiéis do Amor, com aquelas palavras do profeta Jeremias: «O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut meus» ⁽²⁾, e rogar-lhes que sofram ouvir-me. Descrevo, na segunda, a situação em que o Amor me havia posto, com intenção diversa daquela que mostram as extremidades do soneto, e digo o que perdi. A segunda parte começa em: *Deu-me Amor*.

VIII

Pouco depois de ter partido a formosa dama, aprouve ao Senhor dos anjos chamar à sua glória uma jovem e bela mulher que fora muito estimada na refe-

VIDA NOVA

rida cidade ⁽¹⁾. Vi-lhe o corpo inanimado jazer no meio de muitas damas que choravam lastimosamente. Recordando, então, que a tinha visto em companhia da minha gentilíssima amada, não pude conter algumas lágrimas. Chorando, propus-me dizer umas palavras sobre a sua morte, em virtude de a ter visto com a dama de meus pensamentos. Algo disso referi na última parte das palavras que escrevi depois, como será manifesto a quem o entenda. Compus, então, dois sonetos, o primeiro dos quais começa: *Chorai, amantes*, e o segundo: *Morte vil*.

Chorai amantes, pois que chora o Amor,
ouvindo a causa que a este faz chorar.
Sente-se Amor trazido à Piedade pelas damas
que pelos olhos vertem luto amaro;
a morte vil, em coração gentil,
fez obra cruel, devastadora,
destruindo o que no mundo é de louvar
em mulher bela, de honra tão dotada.
E ao Amor foi isto tão horrível
que o vi em lamentos verdadeiros
debruçado na imagem que morrera;
amiúde olhava o céu
onde já estava
aquela que fora tão formosa.

DANTE

Divide-se este primeiro soneto em três partes: na primeira, chamo e exorto os fiéis do Amor a que chorarem, comunico-lhes que chora o seu Senhor, e digo «ouvindo a causa que a este faz chorar» a fim de que estejam mais dispostos a escutar-me; na segunda, descrevo a dita causa; na terceira, falo de alguma homenagem que o Amor fez a esta dama. A segunda parte começa em: *Sente-se Amor*; a terceira em: *E ao Amor*.

Morte vil, à piedade avessa,
perene mãe da dor,
pesado júzo inelutável,
pois que motivo deste ao pobre coração
para que siga cuidadoso,
de te vituperar a língua se me cansa.
E se da graça te vou fazer mendiga,
convém que diga
o teu errar sempre ominoso,
não porque à gente esteja oculto,
mas por cruciante ser
a quem de amor à tua vinda se nutria.
Da vida já partiu a cortesia
e quanto nessa dama era virtude:
na leda juventude
morta foi a amorosa formosura.
Jamais encontrarei uma outra dama
que por graças semelhantes se celebre.

VIDA NOVA

Quem não mereça a salvação
não espere, nunca, recobrar-lhe a companhia ⁽¹⁾.

Divide-se este soneto em quatro partes: na primeira, designo a Morte por alguns de seus nomes próprios; na segunda, dirigindo-me a ela, exprimo a razão que me leva a vituperá-la; na terceira, vitupero-a; na quarta, dirijo-me a uma pessoa indefinida, ainda que no meu entendimento esteja definida. A segunda parte começa em: *Pois que motivo*; a terceira em: *E se da graça*; e a quarta em: *Quem não mereça a salvação*.

IX

Pouco após a morte daquela dama, aconteceu um facto pelo qual me foi conveniente partir da referida cidade, e ir para os lados onde estava aquela outra dama que tinha sido a minha defesa, ainda quando o termo da minha jornada não estivesse tão longe como ela. E apesar de ir em numerosa companhia, tanto me desgostava o itinerário que era obrigado a fazer, pois que me afastava da minha felicidade, que quase os suspiros não podiam desafogar a angústia do coração. Nessa altura, o dulcíssimo Senhor que me dominava mercê da gentilíssima mulher, apareceu-me na imagi-

nação qual peregrino ligeiramente vestido de roupas vis. Mostrava-se aflito, e tinha os olhos no chão, a não ser quando me parecia que os voltava para um claríssimo rio, de águas belas e correntes, que marginava o caminho por onde eu seguia. Julguei que o amor me chamasse, e me dissesse estas palavras: «Venho de estar com aquela dama que por tanto tempo foi a tua defesa, sabendo que o seu regresso demorará muito tempo; por isso te trago o coração que te obrigava a dedicares-lhe a fim de o levar a outra dama que te defenda como aquela o fazia». E, nomeando-a, vi que eu a conhecia bem. «Todavia, — acrescentou —, se divulgares alguma coisa do que te disse, fá-lo de modo a que se não perceba que foi simulado o amor que dirigiste a esta e que te convirá dirigir a várias outras». Pronunciadas tais palavras desfez-se a visão subitamente. De olhar quase transtornado, cavalguei todo aquele dia, bastante pensativo e acompanhado de muitos suspiros. À noite compus o soneto que começa: *Indo a cavalo*.

Indo a cavalo, outro dia, num caminho,
desgostoso do andar que aborrecia,
o Amor achei no meio da via
com ligeira veste de romeiro.
Figurava-se-me no rosto bem mesquinho
qual se houvesse perdido senhoria;
e suspirando cuidadoso vinha,

para não ver a gente, de cabeça baixa.
Quando me viu, chamou-me pelo nome,
e disse: «Venho da remota parte
onde por vontade minha tinhas o coração;
e trago-o a servir deleite novo».
Senti, então, depois de tal notícia,
que se fora, e não me lembro como.

Tem este soneto três partes: digo, na primeira, como encontrei o Amor, e como me pareceu; reproduzo, na segunda, o que me disse, ainda que não completamente para não descobrir o meu segredo; digo, na terceira, como desapareceu. A segunda parte começa em: *Quando me viu*; a terceira: *Senti, então*.

X

Pouco depois do meu regresso pus-me a buscar a dama que o meu senhor havia nomeado no caminho dos suspiros. Para ser breve direi que em pouco tempo a constituí de tal modo minha defesa que muita gente falava disso além dos limites da cortesia, o que bastante me pesava. E por esta razão, ou seja pelos excessivos rumores que faziam constar que eu me infamasse viciosamente, a gentilíssima mulher que foi a destruidora de todos os vícios e a rainha de todas as virtudes, recusou-me, cruzando-se comigo, a dulcíssima vénia

na qual estava toda a minha felicidade. Mesmo saindo do propósito presente, quero significar o que a sua saudação operava virtuosamente em mim.

XI

Quando a encontrava, na esperança da maravilhosa saudação não só esquecia todos os inimigos, como me ganhava uma chama de caridade que me fazia perdoar a quem me tivesse ofendido. Se, no momento, alguém me perguntasse qualquer coisa, a resposta que daria, com o rosto vestido de humildade, seria apenas «Amor». E quando ela estava prestes a saudar-me, um espírito de amor, destruindo todos os outros espíritos sensitivos, exteriorizava os do rosto, débeis, com dizer-lhes: «Saíde a honrar a vossa dama»; e colocava-se no seu lugar. E quem tivesse querido conhecer o Amor, poderia tê-lo feito vendo o estremecimento dos meus olhos. E quando me saudava a gentilíssima mulher, não só o Amor não poderia nunca ensombrar-me a inefável beatitude, como, por um excesso de doçura se tornava tal, que o meu corpo, nesse momento sob o seu império, com frequência se movia qual coisa inerte e inanimada. Do que se infere facilmente que na sua saudação encontrava eu a beatitude, e que esta, não raro, sobrepujava a minha capacidade.

XII

Ora, volvendo ao propósito, direi que uma vez que a minha felicidade me foi negada ganhei tal dor que, afastando-me da gente, andei em sítio solitário a banhar a terra de amaríssimas lágrimas. Quando o pranto passou, encerrei-me no meu quarto, onde podia lamentar-me sem ser ouvido. Aí, implorando misericórdia à dama das cortesias, e exclamando «ajuda, Amor, o teu devoto», adormeci choroso como uma criança a quem tivessem batido. Aconteceu que quase no meio do sono me pareceu ver no quarto, sentado junto de mim, um jovem, de alvíssima veste, que, muito preocupado, me olhava; e, depois de me ter fitado durante algum tempo, pareceu-me que, suspirando, me chamava, e dizia estas palavras: «Fili mi, tempus est ut pretermictantur simulacra nostra» ⁽¹⁾. Julguei então conhecê-lo, pois me tratava como muitas vezes nos meus sonhos já me havia tratado: e, olhando-o, pareceu-me que chorava lastimosamente, e que esperava de mim alguma palavra; pelo que, assegurando-me, comecei a falar-lhe deste modo: «Senhor da nobreza, porque choras?» E ele disse-me: «Ego tanquam centrum circuli, cui simili modo se habent cir-

DANTE

cumferentie partes; tu autem non sic» ⁽¹⁾. Pensando nestas palavras parecia-me que me havia falado muito obscuramente; por isso, fazendo um esforço, disse-lhe o seguinte: «Porque me falas, senhor, com tanta obscuridade?» Ao que me respondia com palavras vulgares: «não perguntes senão o que te seja útil». Comecei então a reflectir com ele sobre a vénia que a minha amada me negara, e perguntei-lhe a razão de tal facto. A isto me respondeu: «A nossa Beatriz ouviu a certas pessoas que a dama que te nomeei no caminho dos suspiros recebia de ti algum prejuízo; pelo que essa gentilíssima mulher, como é contrária a todos os malefícios, não se dignou saudar a tua pessoa, julgando-a nociva. Por isso, ainda que verdadeiramente conheça desde há tempo o teu segredo, quero que lhe rimes algumas palavras nas quais exprimas o império que mercê dela exerce sobre ti, e como passaste a pertencer-lhe logo na infância. Invoca o testemunho daquele que o sabe, e refere como supplicas que lho diga. E eu, que sou esse, voluntariamente lhe falarei, para assim sentir ela as tuas disposições, e, sentindo-as, saber que se enganam os que de ti murmuram. Faz que as tuas palavras sejam indirectas; não te dirijas a ela directamente porque não é digno. E não lhas envies a sítio onde eu não esteja, mas sim onde eu possa ser escu-

VIDA NOVA

tado; adorna-as de suave harmonia, uma harmonia onde estarei sempre que for preciso.» Ditas que foram estas palavras desapareceu, e quebrou-se o meu sono. Reflectindo, verifiquei que a visão me apareceu na hora nona do dia. Logo que saí do quarto, decidi fazer uma balada na qual obedecesse ao que o meu senhor me havia ordenado. Compus, então, a balada que começa: *Quero, balada.*

Quero, balada, que o Amor encontres,
e em sua companhia vás até à minha amada,
para que da razão minha — a qual tu cantas —,
com ela fale o meu senhor.
Corres tu, balada, tão gentil,
que mesmo só
podias ir a qualquer parte;
se queres andar segura, todavia,
o Amor busca primeiro,
que sem ele talvez não seja bom seguir;
a que haverá de ouvir-te
se, como creio, está comigo descontente,
não fosses tu do Amor acompanhada,
fácil seria que mal te recebesse.
Com terno som, porque estarás com ele,
começa deste modo,
se a sua piedade to concede:
«Senhora, aquele que a vós me envia,

se aqui não sou desagradável, quer,
quando o desculpes, que me ouçais.
Amor foi quem, pela vossa formosura,
olhar o fez outras mulheres.
Mas se Amor o fez olhar a outras
pensai que lhe o peito não mudou.»
Diz-lhe: «Senhora, o peito seu manteve
uma tão firme fé,
que só em vos servir emprega o pensamento:
cedo foi vosso, jamais pode mudar.»
Se ela te não crer,
diz-lhe que ao Amor pergunte,
e este lhe dirá toda a verdade:
dirige-lhe, no fim, súplica humilde,
e se perdoar lhe desagrada,
que me ordene, então, que morra,
para ver obedecer quem bem a serve.
E fala àquele, de toda a piedade chave,
antes que parta, pois saberá dizer quanto me
assiste:
«Por graça do meu suave som
luta ora aqui
e em favor do servo teu pondera;
e se ela por teus rogos lhe perdoa,
faz que lho diga a paz dum rosto belo.»
Gentil balada minha, quando queiras,
deixa a luta se a honra não ganhares.

Divide-se esta balada em três partes: digo, na primeira, aonde vai, conforto-a para que vá mais segura, e indico que companhia deverá escolher se deseja andar confiada e sem perigo; digo, na segunda, aquilo que lhe pertence fazer ouvir; autorizo-a, na terceira, a partir quando quiser, encomendando o seu desempenho aos braços da fortuna. A segunda parte começa em: *Com terno som*; a terceira em: *Gentil balada minha*.

Poderia opor-se-me alguém com dizer que não sabe a quem falo em segunda pessoa, pois que a balada não contém mais do que as palavras que escrevi. Respondo que tento solver a acusação neste livro, em passo, todavia, ainda mais duvidoso; e nessa altura que entenda aquele que aqui duvidar ou queira contraditar-me.

XII

Depois da referida visão, e uma vez pronunciadas as palavras que o Amor me tinha imposto, começaram a assaltar-me e combater-me muitos e diversos pensamentos em forma tal, que quase não podia defender-me. Entre esses pensamentos, quatro, me parece, foram os que mais embaraçaram o repouso da minha vida. Um era este: bom é o senhorio do Amor, pois que afasta o entendimento dos seus fiéis de todas as coisas vis. Outro, era este: nada bom é o senhorio do

DANTE

Amor, pois que quanto mais o seu fiel o traz consigo, tanto mais graves e dolorosos transe tem de passar. O outro, este: é tão doce de ouvir o nome do Amor que me parece impossível que a sua influência não seja apenas doce, se é verdade que os nomes resultam das coisas nomeadas, tal como está escrito: «Nomina sunt consequentia rerum». E o quarto era o seguinte: a mulher por quem assim te assedia o Amor, não deixa, como as outras mulheres, que se lhe agite facilmente o coração. E cada um destes pensamentos me afligia tanto que me fazia estar como aquele que não sabe que caminho tomar, e que deseja andar e não sabe aonde ir. Se intentava buscar um caminho comum a todos, isto é onde todos se harmonizassem, era esse caminho muito meu inimigo, e de tal modo que tinha de invocar a piedade e meter-me nos seus braços. E estando neste estado veio-me a vontade de versejar. Compus, então, o soneto que começa: *Todos os pensamentos meus.*

Todos os pensamentos meus falam de Amor;
e têm uma tão grande variedade
que um me leva a desejar o seu poder,
por outro se me mostra o seu valor,
outro, esperando, docemente, me conforta,
outro chorar me faz bastantes vezes;
só em querer piedade se harmonizam,
tremendo com o medo que me vai no peito.

VIDA NOVA

Não sei, então, a que lugar me volte;
quero falar, e não sei bem que diga:
assim me encontro em amoroso error!
Se com todos me componho,
chamar me convém minha inimiga,
a Piedade, sim, que me defenda.

Pode dividir-se este soneto em quatro partes: digo e suponho na primeira que todos os meus pensamentos falam de Amor; digo na segunda, que são diversos, e mostro a sua diversidade, digo, na terceira, em que é que todos parecem harmonizar-se; na quarta digo que, desejando falar de Amor, não sei por que pensamento optar, e que, se quero obrigar a todos, me convém chamar uma inimiga, a Piedade, senhora minha; e digo «senhora» quase desdenhosamente. A segunda parte começa em: *e têm uma*; a terceira em: *só em querer*; a quarta em: *Não sei então*.

XIV

Aconteceu, depois desta batalha entre os diversos pensamentos, que a gentilíssima mulher acudiu a um lugar onde estavam reunidas muitas formosas mulheres; lugar a que fui conduzido por um amigo que julgava dar-me grande prazer com levar-me aonde tantas damas mostravam a sua beleza. Eu, quase ignorando

ao que ia, e fiando-me naquele que havia conduzido um amigo à extremidade da vida, disse-lhe: «Porque viemos nós até estas damas?» Ao que me respondeu: «Para que sejam dignamente servidas.» O certo era que se haviam reunido para acompanhar uma formosa dama que se desposava naquele dia, e à qual, conforme o uso da referida cidade, deviam fazer companhia na primeira vez que se sentava à mesa em casa do marido. Julgando agradar ao meu amigo, propus-me ficar com ele no serviço daquelas senhoras. Mas, em breve, sentia um maravilhoso tremor que começava no lado esquerdo do peito, e se derramava subitamente por todo o meu corpo. Digo que tive de apoiar-me discretamente num friso pintado que circundava a quadra; e que, temeroso de que os outros dessem pelo meu estado, ergui os olhos e, mirando as damas, vi, entre elas, a gentilíssima Beatriz. Então, foram de tal modo aniquilados os meus espíritos pela força que Amor adquiriu, vendo-me tão perto da gentilíssima mulher, que não continuaram em vida mais do que os espíritos visuais; e mesmo estes pareciam sair dos seus instrumentos como se o Amor quisesse ocupar-lhes o nobilíssimo lugar, a fim de ver a maravilhosa mulher. E acontecia que me achasse demudado, pois que muito me doíam esses espíritos que assaz se lamentavam e diziam: «Se o Amor nos não lançara fora do nosso lugar, poderíamos estar a ver essa maravilhosa mulher como estão a vê-la os nossos pares». Muitas das

damas presentes, notando a minha transfiguração, começaram a admirar-se e, falando, zombavam de mim com a gentilíssima mulher. Dando por isso, o meu iludido amigo pegou-me na mão e, afastando-me da vista das damas, perguntou-me que tinha. Mais tranquilo já, ressuscitados os espíritos mortos, regressados aos seus lugares os outros, disse ao meu amigo estas palavras: «Pus os pés naquela parte da vida além da qual se não pode ir com a intenção de regressar». E, deixando-o, voltei à câmara das lágrimas onde, chorando e confundindo-me, dizia comigo: «Se essa mulher soubesse o meu estado não creio que zombasse de mim, mas sim que muito se apiedasse». Enquanto chorava, ganhei o propósito de dizer algumas palavras nas quais, dirigindo-me a ela, significasse o motivo da minha transfiguração, e manifestasse que sabia bem que ela o ignorava, assim como, se o tivesse conhecido, se compadeceria de mim; e decidi escrevê-las, no desejo de que acaso chegassem aos seus ouvidos. Compus, por fim, este soneto que começa: *Com as outras damas.*

Com as outras damas, troçais do olhar meu,
e não cuidais, senhora, que a razão
de que noutro me transforme
a vista seja da beleza vossa.
Se a soubésseis, não poderia a Piedade
manter mais contra mim a prova repetida,

pois que Amor, quando tão perto a vós me
 encontra,
 ganha afoiteza e tanta segurança,
 que ataca os meus espíritos medrosos,
 e a uns deixando mortos, outros feridos,
 só me consente que vos veja:
 por isso todo me transformo,
 mas não tanto que não sinta fundamento
 o mal da zombaria dolorosa.

Não divido em partes este soneto porque, fazendo-se a divisão apenas para aclarar o sentido da coisa dividida, e sendo ele aqui manifesto, se torna desnecessário. Verdade é que entre as palavras com que se declara a razão do soneto, se encontram algumas duvidosas, como aquelas em que refiro que o Amor mata todos os meus espíritos, menos os da vista que, todavia, são deslocados dos seus instrumentos. E é esta dúvida impossível de solucionar a todo aquele que não seja tanto como eu fiel do Amor. Para aqueles que o sejam é evidente o que desfaria as duvidosas palavras. Aliás, não é bem a mim que toca resolver tal dificuldade, já que se o fizesse resultaria inútil ou supérflua a minha linguagem.

XV

Depois da nova transfiguração, assaltou-me um pensamento tenaz que me não consentia repouso, e que continuamente me reprendia desta forma: «Se ficas em tão lamentável estado quando te encontras junto da tua amada, porque procuras vê-la? Se ela te perguntasse alguma coisa, que responderias, supondo que tivesses livres as faculdades no momento de responder?» E a este um outro pensamento, humilde, retorquia: «Se não perdesse as faculdades, e tivesse a desenvoltura suficiente para lhe responder, dir-lhe-ia que quando me detenho a imaginar a sua maravilhosa beleza logo me ganha um desidério de vê-la tão poderoso que mata e destrói na minha memória tudo quanto se lhe pudesse opor; assim, os padecimentos passados não são obstáculo a que procure vê-la». Movido destes pensamentos, propus-me dizer algumas palavras, nas quais, desculpando-me daquela repreensão, declarasse também o que me acontece junto dela. Compus, então, o soneto que começa:
O que levo em mente.

O que levo em mente logo morre
 quando venho a ver-vos, alegria bela;
 e quando perto estou, oiço o Amor
 que diz: «Foge, se morrer te desagrada».

DANTE

O rosto mostra a cor do coração
que, desmaiando, se apoia a qualquer parte;
e pela turvação da agonia
parece até que as pedras gritam: Morra, morra.
Comete então pecado quem me olhe,
e a alma esmorecida não me alente,
demonstrando que lhe dói o meu penar
com a piedade — que a vossa troça
mata —,
a qual se cria na vista minha fixa
dos olhos que desejam venha a morte.

Divide-se este soneto em duas partes: na primeira, digo o motivo porque me não abstenho de ir junto dessa mulher; na segunda, o que me ocorre quando estou perto dela. Começa esta segunda parte em: *e quando junto dela*. E esta mesma parte se divide em cinco, conforme cinco diversas matérias. Exprimo, na primeira, que o Amor, aconselhado da razão, me diz que estou perto dela; manifesto, na segunda, o estado do coração com o exemplo do rosto; indico, na terceira, como perco toda a tranquilidade; na quarta, afirmo que pecca quem não se apieda de mim, o que me traria algum conforto; explico, na última, porque deveriam os outros apiedar-se, ou seja a lastimosa expressão dos meus olhos, — expressão que é destruída pela zombaria dessa mulher, o que leva à imitação aqueles que talvez chegassem à piedade. A segunda

VIDA NOVA

parte começa em: *O rosto mostra*; a terceira em: *e pela turvação*; a quarta em: *Comete então*; a quinta: *com a piedade*.

XVI

Depois de ter escrito este soneto, moveu-se-me a vontade de dizer também alguma coisa sobre quatro aspectos do meu estado, que não me parecia haver manifestado ainda. O primeiro deles é que muitas vezes sofria quando a memória levava a fantasia a imaginar o que o Amor me ocasionava. O segundo é que o Amor amiúde me assaltava tão fortemente que não me ficava de vida senão um pensamento que falava da minha amada. O terceiro que, quando esta batalha do Amor me combatia, eu, quase descolorido, buscava ver a minha amada, acreditando que com vê-la estaria defendido na batalha, e esquecendo o que me aproximava de tão grande beleza. O quarto é que tal vista não somente me não defendia, como finalmente acabava a minha pouca vida. Assim, pois, compus o soneto que começa: *Amiúde*.

Amiúde se me representa
a obscura situação em que o Amor me põe,
e ainda a piedade, de tal modo
que digo: «Ai de mim! sofrerá alguém assim?»;

pois que o Amor me assalta de repente
 e a vida quase me abandona:
 fica-me um espírito, apenas, bem desperto
 que se mantém assim porque de vós se ocupa.
 Luto, depois, para não ser vencido;
 e esmorecido, assim, de todo o valor fulto,
 venho até vós buscando a cura:
 e se levanto os olhos para ver-vos,
 no peito meu se inicia uma tremura,
 que faz que a alma deixe de pulsar.

Divide-se este soneto em quatro partes, desde que quatro coisas são narradas nele; e como foram acima tratadas, limitar-me-ei a indicá-las pelos seus começos: a segunda começa em: *pois que o Amor*; a terceira em: *Luto, depois*; a quarta em: *e se levanto*.

XVII

Escritos os três últimos sonetos, dirigidos à gentilíssima mulher, nos quais referia o meu estado, julguei oportuno calar-me, pois me pareceu ter falado bastante de mim. Como depois deixei de dirigir-me a ela, conveio-me tratar matéria nova e mais nobre que a passada. Direi o mais brevemente que possa o motivo desta nova matéria, pois que esse motivo é agradável de ouvir.

XVIII

Pelo meu aspecto, haviam muitas pessoas compreendido o segredo que trazia comigo. Várias damas, que se juntavam para se deleitarem na mútua companhia, conheciam-me bem o coração, pois que haviam presenciado muitas das minhas turvações. Passando perto delas, como levado da fortuna, fui chamado por uma dessas gentis mulheres. Quem me havia chamado era dama de gratíssima voz. Quando cheguei diante delas, e verifiquei que a minha gentilíssima amada não estava no grupo, serenando-me, saudei-as, e perguntei em que podia servi-las. Eram muitas as damas, e entre elas algumas havia que trocavam sorrisos; outras, olhavam-me, na expectativa do que eu ia dizer; outras, falavam entre si. Uma destas, voltando os olhos para mim e chamando-me pelo nome, disse-me: «Com que fim amas tu essa mulher, se não podes suportar a sua presença? Di-lo, que de certo o fim de tal amor deve ser novíssimo». Logo que acabou de me dirigir estas palavras, não apenas ela como todas as outras passaram a esperar atentamente a minha resposta. Disse-lhes então: «Senhoras, o fim do meu amor estava em receber a saudação da mulher de que talvez faleis, e nisso punha a beatitude, o fim de todos os meus anelos. Mas, desde que uma vez ma negou, o Amor, que me domina, pôs toda a minha felicidade naquilo que não

DANTE

pode faltar-me». Começaram as damas a falar entre si, e tal como vemos cair a água de envolta com bela neve, assim me parecia ouvir as suas palavras misturadas de suspiros. Depois de terem falado algum tempo entre si, a dama que se me havia dirigido, disse-me: «Rogamos-te que nos digas onde está a tua beatitude». E respondi-lhe: «nas palavras de louvor à minha dama». Então, insistiu a minha interlocutora: «Se é verdade o que dizes, as palavras com que nos mostraste o teu estado, tê-las-ás pronunciado com outra intenção». Pelo que, quase envergonhado, me afastei daquelas damas, pensando no que ouvira, e dizendo comigo: «Pois que tanta felicidade encontro em louvar a minha amada, porque tenho eu falado doutras coisas?» Propus-me, assim, tomar sempre, daí em diante, por motivo das minhas palavras, quanto fosse elogio da mulher gentilíssima. E pensando nisto parecia-me haver lançado a tão grave empresa, que me não atrevia a começar. Estive assim alguns dias com a ânsia de falar, e o temor de quebrar o silêncio.

XIX

Aconteceu que, passando por um caminho ao longo do qual corria um claríssimo rio, me acudiu tanta vontade de poetar que comecei a pensar em que modo o faria. Pensei que não convinha que referisse a

VIDA NOVA

minha amada, e que o acertado era que falasse dela dirigindo-me a outras damas, embora não a quaisquer, antes a belas e puras mulheres. A minha língua, então, falou quase como movida de si mesma, e disse: *Damas que sabeis do amor*. Com grande alegria retive tais palavras na minha memória para tomá-las como começo do que fizesse. De volta à referida cidade, depois de pensar durante alguns dias, comecei uma canção com aquele verso, ordenada no modo que abaixo se verá. A canção começa: *Damas que sabeis*.

Damas que sabeis do Amor,
convosco vou falar da minha amada,
não para acabar o seu louvor,
mas para aliviar o fogo que em mim arde.
Pensando em todo o seu valor
tão doce se me faz sentir o Amor, que se agora
eu não perder veemência,
falando tornarei enamorada a gente.
E não vou eu falar tão altamente
que vil me tornasse por temor;
mas tratarei do seu estado gentil,
tratá-lo-ei ligeiramente,
convosco, damas e donzelas amorosas,
que só convosco o poderei fazer.
Na divina inteligência clama um anjo
e diz: «Senhor, vê-se no mundo
a maravilha, no acto que procede

DANTE

dum'alma que até aqui a luz envia». O céu, que não tem outro defeito que não tê-la, ao seu Senhor a pede, e cada um dos santos intercede. Só a Piedade se põe da nossa parte, que fala Deus, que da minha dama entende: «Dilectos meus, sofri em paz que a vossa esperança dure o tempo que me agrada, pois que na terra um há que a perder não pode, e que dirá no próprio inferno: Ó malditos eu vi a esperança dos eleitos». A minha dama é desejada no mais alto céu: e vou fazer constar sua nobreza. A que mostrar pretenda gentileza, vá com ela, que, seguindo, saberá que Amor nos peitos vis entorna gelo, para que todo o seu pensar aquieta e morra; e quem sofresse estar a vê-la, ou em nobre cousa se tornava, ou morreria. E quando encontra algum que digno seja de a ver, prova este a virtude que possui, que lhe acontece que a dama no saudar o purifica de tal modo que toda a ofensa esquece. Deu-lhe ainda Deus a maior graça de que morrer não possa mal, quem lhe falou. Dela diz o Amor: «Como, coisa mortal, pode ser assim tão bela e pura?

VIDA NOVA

Olha-a, e logo entre si jura que Deus nela criou um ser diferente. Cor de pérola é quase a sua, no modo em que a mulher a deve ter: contém quanto de bom pode fazer a natureza; o que a beleza sua prova. Dos olhos seus, como quer que os mova, saem inflamados os espíritos de amor, que cegarão a quem então a fite, e ao mais fundo vão dos corações: vede onde ninguém, fixamente, a pode olhar. Canção, eu sei que irás dizendo a muitas damas tudo quanto te disser. Por isso te aconselho, eu que te criei como filha do Amor, jovem e pura, que onde vás, digas rogando: «Mostrai-me o meu destino, que me mandam para aquela cujo louvor me enfeita.» E se em vão não desejas caminhar, não te detenhas onde esteja gente vil: procura, se puderes, estar patente apenas a mulheres, ou varões sábios, que te dirão o mais curto caminho. Tu acharás Amor bem perto dela; recomenda-me a ele tal como deves.

Dividirei esta canção, a fim de que melhor se entenda, um pouco mais artificialmente que os poe-

mas anteriores. Antes de tudo farei três partes: a primeira é o próêmio das palavras seguintes; a segunda é o tema de que se trata; a terceira é quase uma serviçal das anteriores. A segunda começa em: *Na divina inteligência*; a terceira em: *Canção, eu sei*. A primeira parte divide-se em quatro outras: na primeira digo o que desejo dizer da minha dama, e porque o desejo; na segunda qual me parece, quando penso, o seu valor, e como o proclamarei se não perder ardor; na terceira, como creio que devo fazê-lo, isto é, superando toda a vileza; na quarta, dirigindo-me de novo a quem quero falar, digo a razão porque me dirijo. A segunda começa em: *Pensando todo*; a terceira, em: *E não vou eu falar*; a quarta, em: *convosco, damas e donzelas*. Depois, quando digo: *Na divina inteligência*, começo a tratar da minha dama. E divido esta parte em duas: digo, na primeira, quanto a estimam nos céus, e, na segunda, quanto a estimam na terra... Esta, que começa em *A minha dama é desejada*, divide-se, por seu turno, em duas: na primeira, explico o que se refere à nobreza da sua alma, enumerando algumas das poderosas virtudes que da sua alma procedem; na segunda, explico a nobreza do seu corpo, enumerando algumas das suas formosuras. A esta, que começa em *Dela diz o Amor*, divido também em duas partes: na primeira, trato das belezas de toda a pessoa; na segunda, trato das belezas que respeitam a determinadas partes da pessoa. A esta segunda parte, que começa em *Dos olhos seus*, divido

ainda numa parte em que falo dos olhos que são princípio do amor, e noutra em que falo da boca, termo do amor. E para que se dissipe todo o pensamento impuro, recorde o leitor que mais acima está escrito que a saudação da minha amada, acto da sua boca, foi o fim dos meus desejos enquanto a pude receber. Quando digo, depois, *Canção, eu sei*, junto uma estrofe como auxiliar da outra, na qual digo o que espero da minha canção. E como esta última parte é fácil de entender não me atrevo a mais divisões. Não nego que para melhor entendimento da canção não fossem elas necessárias; mas a verdade é que quem não possua engenho bastante para entendê-la com as divisões que fizemos, não me desagradará se ma deixa viver, pois temo, de facto, haver facilitado a demasiados, com as divisões estabelecidas, a sua inteligência, se acontecer que a canção chegue aos ouvidos de muitos.

XX

Uma vez que a canção foi algum tanto divulgada, certo amigo meu, como a ouvisse, sentiu-se inclinado a pedir-me que lhe dissesse o que é o Amor, pois talvez, pelas palavras ditas, esperasse de mim mais do que eu merecia. Pelo que, pensando que depois desse tratado seria belo dizer alguma coisa acerca do Amor, e ainda que era de atender o amigo, me propus escrever

umas palavras nas quais tratasse do Amor. Compus, então, este soneto, que começa assim: *Amor e terno peito são um só*.

Amor e terno peito são um só,
o que o sábio escreveu alguma vez,
assim qual uma sem a outra não existem
a alma racional e a inteligência.
Quando amorosa, a natureza, toma o Amor
por amo, e o terno peito por mansão;
e dentro desta, adormecida, já repousa,
pouco, umas vezes, e outras longamente.
Surge a Beleza numa dama virtuosa,
que agrada aos olhos tanto, que dentro em
terno peito
nasce o desejo da coisa deleitosa;
e de tal modo dura às vezes neste,
que o espírito do Amor desperta.
O mesmo faz em peito feminino homem valente.

Divide-se este soneto em duas partes: na primeira, fala do Amor enquanto está em potência; na segunda, a ele me refiro enquanto da potência se reduz a acto. A segunda começa em: *Surge a Beleza*. A primeira divide-se em duas: na primeira, indico em que sujeito se encontra essa potência; na segunda, explico como esse sujeito e essa potência se produzem no ser, e como um está para o outro como a matéria para a forma.

Esta segunda parte começa em: *Quando amorosa, a natureza*. Quando digo depois: *Surge a Beleza*, digo como essa potência se reduz a acto: primeiro, como se reduz no homem, e, depois, ao dizer: *O mesmo faz —*, como se reduz na mulher.

XXI

Depois de ter tratado do Amor naqueles versos, senti desejo de escrever, também em louvor da minha gentilíssima amada, umas palavras pelas quais mostrasse não somente como por ela se desperta o Amor, no caso de estar adormecido, mas também como ela, actuando maravilhosamente, o faz acudir aonde nem sequer está em potência. Compus, então, o soneto que começa: *Nos olhos leva a minha dama*.

Nos olhos leva a minha dama o Amor,
e por isto belo torna quanto vê;
por onde passa se desloca tudo a vê-la,
e o peito faz vibrar a quem saúda.
Tanto, que baixando logo o rosto, esvanecido,
de todo o seu defeito, então, suspira:
diante dela fogem soberba e ira.
Ajudai-me, damas, a honrá-la.
Toda a doçura, todo o pensar humilde,
no peito, nasce de quem falar a ouve.

— Louvado seja quem a viu primeiro.
 O que parece, se sorri um pouco,
 não se pode dizer, ou ter em mente,
 tanto é novo e gentil milagre.

Tem este soneto três partes: digo, na primeira, como é que a gentilíssima mulher reduz a potência a acto mercê dos seus nobilíssimos olhos; e digo na terceira, o mesmo, mas conforme à sua nobilíssima boca; entre as partes referidas está uma partícula que quase pede ajuda à precedente e à seguinte, e que começa em: *Ajudai-me, damas, a honrá-la*. A terceira, que referimos, começa em: *Toda a doçura*. A primeira divide-se em três: na primeira, digo como a virtude tem de embelezar tudo quanto mira, o que equivale a dizer que conduz o Amor em potência até onde não está; na segunda, digo como o Amor é reduzido a acto nos corações de todos aqueles a quem vê, e, na terceira, como virtuosamente opera nesses corações. A segunda começa em: *por onde passa*; e a terceira, em: *e o peito faz*. Depois, quando digo: *Ajudai-me, damas*, dou a entender a quem tenho a intenção de falar, convidando as damas a que me ajudem a honrá-la. Quando digo, depois: *Toda a doçura*, digo aquilo mesmo que disse na primeira parte, conforme duas actividades da sua boca: uma das quais é o seu dulcíssimo falar, e a outra, o seu admirável sorriso, ainda que não diga

deste como actua nos corações, pois que a memória não pode retê-lo, nem a ele, nem aos seus efeitos.

XXII

Não muitos dias eram passados quando aprouve àquele senhor, que nem a si se negou a morte, que abandonasse a vida, certamente para ir para a eterna glória, o que foi pai de tanta maravilha quanta a que estava na nobilíssima Beatriz. E como tal partida seja dolorosa aos que ficam e foram amigos daqueles que vão; e como não há amizade mais íntima que a do bom pai para o bom filho, e a do bom filho para o bom pai; e como a minha amada fosse bondosa em extremo e o seu pai, conforme o verdadeiro testemunho de muitos, também extremadamente bom, é natural que aquela sentisse amaríssima dor. E como seja coisa, na usança da referida cidade, que as mulheres comunguem com as mulheres, e os homens com os homens, em tais tristezas, muitas foram as mulheres que se congregaram onde Beatriz lastimosamente chorava. Pelo que, encontrando várias damas que voltavam de estar com ela, ouvi referências à forma de como se lamentava, entre as quais estas palavras: «Ela chora tanto que é para matar de compaixão a quem a veja». Afastaram-se as damas; e eu fiquei em tal tristeza que de quando em quando uma lágrima me

DANTE

corria pela face, o que escondia com pôr as mãos sobre os olhos. Se não esperasse ouvir ainda falar dela, pois que estava num lugar por onde passava a maior parte das damas que saíam da casa de Beatriz, ter-me-ia escondido logo que as lágrimas me assaltaram. E, estando aí, passaram outras damas perto de mim, trocando estas palavras: «Qual de nós pode estar alegre depois de a termos ouvido falar tão lastimosamente?» E atrás destas passaram umas que diziam: «Este que aqui está chora nem mais nem menos qual se a tivesse visto como nós a vimos». E outras, depois, diziam de mim: «Vede este que não parece o mesmo, de tal modo se transtornou!» E continuando a passar grupos de senhoras, ouvia palavras acerca dela e de mim, no modo que acabo de dizer. Pelo que, pensando, me propus escrever uns versos, muito oportunos, nos quais resumisse tudo o que havia ouvido a essas damas. E como voluntariamente as teria interrogado se não incorresse em censura, escrevi como se tivessem respondido a perguntas minhas. Assim, compus dois sonetos. No primeiro, pergunto o que tinha vontade de saber; no segundo, utilizando o que ouvi, ponho as respostas que teriam dado. O primeiro começa: *Vós que levais humílimo o semblante. E o segundo: És tu quem amiúde discorreu.*

Vós que levais humílimo o semblante,
baixos os olhos, denotando dor,

VIDA NOVA

dizei-me a causa de que a vossa cor
se haja feito à piedade semelhante?
Será que vistes vós a nossa gentil dama
banhar de pranto o Amor no rosto seu?
Dizei-me, damas, aquilo que me diz o coração
quando vos vejo andar tão nobremente.
Se voltais de piedade tanta,
apraze-vos ficar comigo um pouco,
e quanto a ela ocorra não escondéis.
Vejo os olhos vossos cheios de pranto,
e vejo-vos voltar tão demudadas,
que treme o peito meu de vê-lo tanto.

Divide-se este soneto em duas partes: na primeira, chamo e pergunto a essas damas se vêm de estar com ela, dizendo-lhes que o creio porque tornam quase desfiguradas; na segunda, rogo-lhes que me falem dela. A segunda começa em: *Se voltais.*

E agora, o outro soneto, tal como antes o descrevemos.

És tu quem amiúde discorreu
da nossa dama, connosco conversando?
É certo que na voz a ele és semelhante,
embora o rosto nos pareça doutro humano.
E porque choras tu tão tristemente
que fazes que de ti os outros se apiedem?
É porque chorar a viste que não podes

dissimular um pouco a dor que sentes?
 Deixa o pranto a nós, e o triste andar
 (e logo peca quem, breve, se conforta)
 a nós que, posta em pranto, a escutamos.
 De tal modo a piedade traz no rosto,
 que quem quisesse olhá-la, logo ali,
 chorando, ante ela, cairia morto.

Tem este soneto quatro partes, conforme os quatro modos de falar que teriam as damas pelas quais respondo; mas como acima o disse suficientemente, não me proporei definir as ideias de cada parte, e só me entregarei a distingui-las. A segunda começa em: *E porque choras*; a terceira: *Deixa o pranto a nós*; a quarta: *De tal modo a piedade*.

XXIII

Poucos dias depois aconteceu que me sobreveio uma dolorosa enfermidade de que continuamente padeci durante nove dias; e isso me pôs em tal fraqueza que tinha de estar como aqueles que se não podem mover. No nono dia, sentindo-me dolorido quase intoleravelmente, acudiu-me um pensamento que era da minha amada. Depois de nele ter reflectido algum tempo, voltei a pensar na minha quebrantada vida. E considerando quão rápida era a sua duração,

mesmo se saudável, comecei a chorar intimamente por tanta miséria. Suspirando fundo, dizia comigo mesmo: «fatal que a formosíssima Beatriz morra alguma vez». Deu-me, por isto, tal desfalecimento que fechei os olhos e comecei a delirar como pessoa fora de si. No princípio dos erros da minha fantasia apareceram-me certos rostos de mulheres, soltos os cabelos, que me diziam: «Morrerás». Depois dessas mulheres, outras caras, horríveis de ver, que me atiravam: «Estás morto». E vagueando assim a fantasia, cheguei a não saber onde me encontrava. E parecia-me ver mulheres, de cabelos desgrenhados, chorando pela rua, com espantosa tristeza; e ainda que o sol se escondia e que as estrelas se mostravam de cor tal que pareciam chorar; que os pássaros, voando, caíam mortos, e que se produziam enormes terramotos. Maravilhando-me a um tempo que me aterrava tal fantasia, imaginei que um amigo me vinha dizer: «Ainda não sabes? A tua maravilhosa dama já se foi deste mundo!» Então, rompi a chorar, convulsamente; e não só o fazia em imaginação, como também com os olhos, banhando-os de verdadeiras lágrimas. Imaginava olhar o céu, e ver multidão de anjos que a ele regressavam, levando diante uma nuvenzinha alvíssima. Parecia-me que os anjos cantavam gloriosamente, sendo estas, como julgava ouvir, as palavras do seu canto: *Osanna in excelsis*; e nada mais ouvi. Então, senti que o coração, onde estava tanto amor, me dizia: «Em verdade é morta a

nossa dama.» E por isto me parecia andar para ver o corpo no qual tinha estado aquela nobilíssima e santa alma; e foi tão forte a enganosa fantasia que me mostrou morta a minha amada: julgava ver que algumas damas lhe cobriam a fronte com um véu branco; e que a sua face guardava tal aspecto de humildade que parecia dizer: «Estou a contemplar o princípio da paz.» Com esta imagem sobreveio-me tal humildade que chamava a Morte, e dizia: «Vem a mim, Morte dulcíssima, e não sejas vil pois deves ser nobre a julgar pelo sítio onde estás! Vem a mim, que muito te desejo; vê que trago já a tua insígnia.» E quando eu já havia visto efectuarem-se todos os dolorosos officios que aos corpos dos defuntos é uso dedicar, parecia-me tornar ao meu quarto e, nele, olhar o céu. Tão violenta era a minha imaginação que, chorando, comecei a dizer com verdadeira voz: «Ó alma formosíssima, como é santo aquele que te contempla!» E, dizendo isto, com dolorosos soluços de choro, e chamando a Morte, aconteceu que uma dama jovem e gentil, que estava junto do meu leito, pensando que o meu pranto e as minhas palavras fossem devidas apenas às dores produzidas pela doença, começou a chorar com grande medo. Outras mulheres que estavam no quarto se aproximaram então de mim, que chorava, chamadas pelo pranto que aquela vertia. Fazendo sair a esta, que me era parente muito próxima, tentaram despertar-me, pois julgavam que eu sonhasse: «Não durmas

mais», diziam-me; e «Não te aflijas». Falando-me assim, cessou-me a violenta fantasia naquele ponto em que eu queria dizer: «Ó Beatriz, bendita sejas tu!» E já havia dito «Ó Beatriz» quando, abrindo os olhos, vi que estava iludido. E ainda que chamasse esse nome, a minha voz estava tão quebrada dos soluços que as damas presentes, segundo julgava, não me podiam entender. Estava muito envergonhado, e todavia, por alguma advertência do Amor, voltei-me para elas. Quando me encararam começaram a dizer: «Parece morto», e entre si: «Procuremos confortá-lo». Diziam-me muitas palavras de conforto, e, em determinado momento, perguntaram-me de que tinha eu tido medo. Estando eu já algum tanto recomposto, e sabendo que delirara, respondi-lhes: «Agora vos direi o que senti». E, começando na primeira imagem, disse-lhes quanto havia visto, calando, embora, o nome da gentilíssima mulher. Uma vez curado, propus-me fazer uns versos sobre quanto me havia ocorrido, dado que me parecia que fosse agradável de ouvir. Escrevi, assim, a canção: *Uma jovem senhora compassiva*, ordenada como manifesta a divisão abaixo escrita:

Uma jovem senhora compassiva,
de humanas gentilezas adornada,
que estava aí onde eu pedia a Morte,
olhando os olhos meus tão lacrimosos
e ouvindo as vãs palavras que soltava,

movida foi a soluçar convulsamente.
 E as outras damas que de mim se aproximaram,
 chamadas pela que me lamentava,
 a esta fazem apartar-se,
 e logo a despertar-me se dedicam.
 Qual dizia: «Não durmas».
 E qual outra: «Porque assim tanto te desolas?»
 Deixei, então, o meu delírio,
 chamando pelo nome a minha amada.
 Tão dolorida era a minha voz,
 e das ânsias do pranto tão quebrada,
 que só eu, no mais fundo do meu peito, o
 nome ouvi;
 e apesar de toda a confusão,
 que excessiva no meu rosto se pintava,
 fez o Amor que para elas me voltasse.
 Tão demudado estava de parecer
 que a alguma ouvia eu falar na morte:
 «Pelo amor de Deus consola o pobre»
 rogavam entre si humildemente;
 e perguntavam uma e outra vez:
 «Que viste tu que te fez perder valor?»
 Quando um pouco confortado me senti,
 disse-lhes eu: «Vou dizer-vos, damas.
 Enquanto eu pensava em minha frágil vida,
 e via como é breve o quanto dura,
 o Amor chorava no meu peito, onde reside;
 e foi a minha alma, disso, tão desfeita,

que, suspirando, dizia, em pensamento:
 — É bem fatal que a minha dama morra —.
 Tanto desmaiei, então, pensando nisto,
 que cerrei os olhos, tristemente carregados,
 e foram tão turvados
 os meus espinhos que todos divagavam;
 e depois, imaginando,
 fora da consciência e da verdade,
 horríveis rostos femininos
 me diziam: — Morreste, morreste. —
 E coisas muito estranhas vi
 no vão imaginar aonde entrara;
 julgava estar não sei em que lugar,
 onde corriam mulheres de cabelos soltos
 umas em choro e outras em lamentos,
 que o fogo da tristeza dardejavam.
 Depois me parecia, a pouco e pouco,
 ver ensombrar-se o sol e cintilar a estrela,
 e chorarem ele e ela;
 cair os anjos, voando, pelo ar,
 e estremecer a terra;
 e vir um homem macilento e rouco
 que dizia: — Quê? Inda não sabes?
 A tua dama é morta, que tão bela era —.
 Erguia os olhos meus, de pranto cheios,
 e via, como chuva de maná,
 os anjos que subiam para o céu,
 com uma nuvenzinha por diante,

DANTE

empós da qual todos gritavam: ossana;
e se fosse outra a palavra vos diria.
Então, dizia o Amor: — Mais não te escondo;
vem a ver a nossa dama em seu último leito. —
O falaz imaginar
me conduziu a ver a dama morta;
e quando com ela me encontrei
vi que algumas damas a cobriam dum sudário;
e humildade tão profunda traduzia
que como que dizia: — Eu estou na paz. —
Na dor me tornava tão humilde,
vendo-a em humildade tanta,
que dizia: — Morte, por assaz doce te tenho;
tu deves de ora avante ser coisa gentil
pois que na minha dama foste;
devo por ti ter piedade e não desdém.
Vê que de ti tão desejoso venho
que na fé contigo me pareço.
Vem, que o coração te pede. —
Depois, seguia, consumado todo o engano;
e quando me encontrava só
dizia, olhando para o alto reino:
— Ditoso, bela alma, quem te veja! —
Vós me chamastes, então, por mercê vossa.»

Tem esta canção duas partes; digo, na primeira, falando com uma pessoa indefinida, como fui tirado de vão delírio por certas mulheres, e como prometi

VIDA NOVA

contar-lho; digo, na segunda, como o contei. Começa a segunda em: *Enquanto eu pensava*. A primeira parte divide-se em duas: digo, na primeira destas, o que algumas mulheres, e uma mulher, disseram e fizeram quando me viram delirar, antes que recobrasse as minhas faculdades; digo, na segunda, o que essas mulheres me disseram quando cessou o devaneio. Esta parte, começa em: *Tão dolorida era a minha voz*. Quando digo depois: *Enquanto eu pensava*, refiro como lhes narrei o meu delírio. E disso componho duas partes: descrevo por ordem, na primeira, tal delírio; na segunda, dizendo em que momento me chamaram, agradeço-lhes tacitamente. E começa esta parte em: *Vós me chamastes*.

XXIV

Depois desse vão imaginar, aconteceu um dia que, estando pensativo, notei que me começava um tremor no coração, tal como se estivesse diante da minha amada. Então me apareceu o Amor, em imaginação, parecendo-me que vinha de onde estava a minha amada. E pareceu-me também que alegremente dizia ao meu coração: «Não te esqueças de bendizer o dia em que me apoderei de ti, pois deves fazê-lo. E, em verdade, sentia de tal modo jubiloso o coração que não me parecia o meu. E pouco depois destas palavras que

DANTE

o coração me disse com a língua do Amor, vi aproximar-se de mim uma gentil senhora, cuja beleza era famosa, e que durante largo tempo fora amada daquele meu primeiro amigo. Chamava-se Joana, salvo que pela sua beleza, como alguns crêem, lhe deram o nome de Primavera pelo qual era designada. E depois dela, olhando, vi aproximar-se a maravilhosa Beatriz. Ambas pararam junto de mim, uma depois da outra, e pareceu-me que o Amor me falasse no coração, e me dissesse: «A esta primeira chamam Primavera apenas porque hoje vem assim; que eu levei quem lhe deu o nome a chamá-la Primavera, porque *prima verrá* ⁽¹⁾ no dia em que Beatriz se mostra, após a visão do seu devoto. E se se quer considerar o seu primeiro nome também ele quer dizer *prima verrá*, pois o nome de Joana vem daquele João que precedeu a luz verdadeira, dizendo: «Ego vox clamantis in deserto parate viam Domini» ⁽²⁾, E também me parecia que me dissesse, depois, estas palavras: «E quem quisesse pensar subtilmente chamaria Amor a Beatriz pela muita semelhança que comigo tem». Repensando eu então tudo isto, decidi-me a escrever uns versos ao meu primeiro amigo (calando certas palavras que me pareciam de

VIDA NOVA

calar), julgando eu que ainda o seu coração estivesse inclinado à beleza dessa gentil Primavera; e compus este soneto que começa: *Senti eu mexer*.

Senti eu mexer dentro do peito
um espinho amoroso que dormia:
e logo vi chegar, de longe, o Amor,
alegre tanto que mal o conhecia.
Disse-me: «Pensa honrar-me»; e era riso
em todas as palavras que dizia.
E pouco havia que me acompanhava, quando,
olhando eu para o lugar de onde viera,
vi caminhar dama Jana e dama Bice
para o sítio aonde eu estava,
uma depois da outra maravilha;
e assim como se a mente mo dissera
Amor me disse: «Aquele é Primavera,
e este Amor, pois comigo tanto se parece.»

Este soneto tem muitas partes: a primeira, diz como senti despertar o costumado frémito no peito, e como me pareceu que o amor estava alegre no meu coração, vindo de longe; diz, a segunda, como me parecia que Amor me falava ao coração, e como se me mostrava; diz, a terceira, o que vi e ouvi enquanto o amor esteve comigo. A segunda parte começa em: *Disse-me: Pensa*; a terceira em: *E pouco havia*. A terceira parte divide-se em duas: digo na primeira destas,

o que vi, na segunda o que ouvi. A segunda começa em: *Amor me disse*.

XXV

Qualquer pessoa digna de que lhe esclareçam as dúvidas, poderia duvidar, neste ponto, do que digo acerca do Amor, como se fosse uma coisa em si: como se não fosse apenas substância inteligente, mas também substância corporal: o que, em verdade, é falso, pois que o Amor não existe por si como substância, antes como um acidente na substância. E que eu fale como se fora corpo, e ainda como se fora homem, depreende-se de três coisas que dele digo. Digo que o vi aproximar-se; pelo que, como seja que aproximar-se indique movimento local, e localmente móvel por si mesmo, segundo o Filósofo, só o é o corpo, resulta que considero o Amor como corpo. Digo dela também que via, e que falava; o que, em especial o riso, parece ser próprio do homem; e, assim, resulta que eu o humanize. Para aclarar estas coisas, segundo creio oportuno, convém lembrar que antigamente não havia cantores de amor em língua vulgar, senão que eram cantores de amor alguns poetas em língua latina; digo entre nós, pois talvez entre outras gentes acontecesse, e aconteça ainda, que, como na Grécia, não vulgares, antes cultos, fossem os poetas que esses assuntos trata-

vam. Não há muitos anos que apareceram os primeiros poetas vulgares; que versejar em vulgar equivale a versejar em latim, segundo alguma proporção. E sinal de que tenha sido há pouco tempo está em que, se buscamos em língua d'*oc* ou em língua de *si* ⁽¹⁾, nada encontraremos escrito para lá de cento e cinquenta anos a esta parte. E a razão de que alguns poetastros tenham desfrutado da fama de saber dizer é que quase foram os primeiros que compuseram em língua de *si*. E o que moveu ao primeiro a versejar em língua de *si*, foi o desejo de que entendesse as suas palavras uma mulher a quem eram difíceis de entender os versos latinos. E isto é contra aqueles que rimam sobre matéria não amorosa, pois que é um facto que tal modo de falar foi no princípio inventado para dizer de amor. Pelo que, como aos poetas mais que aos prosadores sejam dadas grandes liberdades de expressão, e estes versejadores sejam os poetas vulgares, é digno e razoável que lhes seja concedida maior liberdade de expressão que aos outros escritores em vulgar; assim, toda a figura ou cor retórica que se concede aos poetas, deve ser concedida aos rimadores. Se vemos, pois, que os poetas falaram às coisas inanimadas como se estas tivessem sentido e razão, e as fizeram falar entre si (e não apenas coisas verdadeiras, mas também coisas falsas disseram, pois que de coisas inexistentes falam

do modo por que se referem muitos accidentes como se fossem substâncias e homens): justo é que o rimador faça o mesmo e não sem qualquer intelligibilidade, antes com a que permita uma explicação em prosa. Que os poetas falaram como se disse, é facto que se demonstra com Virgílio que, no primeiro canto da Eneida, diz que Juno, deusa inimiga dos troianos falou assim a Eolo, senhor dos ventos: *Eole, nanque tibi* ⁽¹⁾, ao que Eolo respondeu: *Tenuis, o regina, qui optes explorare labor; michi iussa capessere fad est* ⁽²⁾. Por este mesmo poeta no canto terceiro da Eneida, fala o inanimado às cousas animadas: *Dardanide duri* ⁽³⁾. Por Lucano, fala o inanimado ao animado: *Multum, Rome, tamen debes civilibus armis* ⁽⁴⁾. Por Horácio fala o homem à ciência mesma, como se falasse a outra pessoa; e não só tais palavras pertencem a Horácio como, este, quase recitando as do bom Homero, diz na sua arte poética: *Dic michi, Musa, virum* ⁽⁵⁾. Por Ovídio fala o Amor, tal como se fosse pessoa humana, no princípio do livro chamado Remédio do Amor: *Bella michi, video, bella parantur, ait* ⁽⁶⁾. E tudo isto pode ser patenteado a quem duvida em qualquer parte deste

meu opúsculo. E a fim de que não desvie as cousas alguma pessoa obtusa, devo acrescentar que nem os poetas falaram sem sentido, nem os rimadores devem falar sem preocupar-se com ele em tudo o que digam, pois grande vergonha seria para aquele que rimasse com figuras e cores retóricas, não saber, quando lhe fosse pedido, desnudar as suas palavras de tal veste, para que fossem directamente entendidas. O meu primeiro amigo e eu conhecemos a alguns que rimam assim estultamente.

XXVI

A gentilíssima mulher, de quem falei nas palavras anteriores, fruía de tal favor entre as gentes que todos acudiam a vê-la quando passava; o que me causava imensa alegria. E quando estava perto de alguém, comunicava-lhe ao coração tanta honestidade, que não ousava levantar os olhos, ou responder à sua saudação; muitos que o experimentaram poderiam aboná-lo ante os incrédulos. Passava coroada e vestida de humildade, não mostrando vaidade a quem a via e ouvia. Diziam muitos, depois de ter passado: «Esta não é mulher, mas sim um dos belíssimos anjos do céu». E outros: «É uma maravilha; bendito seja o Senhor, que tão maravilhosamente sabe criar!» Digo que se mostrava tão gentil e tão cheia de todos os deleites que aqueles

DANTE

que a olhavam sentiam em si uma doçura honesta e suave, e tal que a não sabiam exprimir; nem algum a podia olhar que, logo no princípio, não suspirasse. Estes e outros efeitos dela procediam virtuosamente: pelo que, pensando nisso, e querendo retomar o estilo do seu louvor, propus-me escrever uns versos, nos quais desse a entender as suas admiráveis e excelentes influências; e fi-los não só para que aqueles que podiam vê-la sensivelmente, mas ainda outros, procurem saber dela aquilo que as palavras não podem traduzir. Compus, então, este soneto que começa: *Tão digna e gentil*.

Tão digna e gentil se mostra
a minha dama quando alguém saúda,
que toda a língua, tremendo, fica muda,
e os olhos não se atrevem a mirá-la.
Sentindo-se louvar, caminha,
vestida de humildade;
e parece que dos céus baixou à terra,
para vermos um milagre manifesto.
Tão afável se mostra a quem a fita,
que pelo olhar infunde doçura ao coração,
—o que entender não pode o que o não prova:
e parece que de seu lábio flua
um espírito suave, cheio de amor,
que segredando à alma vá: Suspira.

VIDA NOVA

É este soneto tão fácil de entender, por aquilo que anteriormente contei, que dispensa divisão. Deixando-o, portanto, digo que a minha dama gozava de tanto favor que não somente ela era honrada e louvada, como também, por ela, muitos eram honrados e louvados. Pelo que, verificando isto, e querendo manifestá-lo a quem o não via, me propus fazer uns versos nos quais o significasse. Escrevi, então, este soneto, que começa: *Vê toda a salvação, perfeitamente*, o qual diz como a virtude de Beatriz se exercia nos outros, assim como se mostra na sua divisão.

Vê toda a salvação perfeitamente
aquele que a minha dama vê entre as mais damas;
deve quem com ela vá sentir desejo
de tal favor a Deus agradecer.
E sua beleza tem virtude tanta,
que a mulher nenhuma pode dar inveja,
antes a todas faz andar vestidas
de beleza, amor e fé.
O olhar seu a tudo torna humilde;
e não só a ela faz amável,
mas tudo por ele recebe gentileza.
E é tão gentil em todos os seus actos,
que não pode nenhum trazê-la em mente
que não suspire em doce e terno Amor.

DANTE

Tem este soneto três partes: digo, na primeira, entre que gente parecia mais maravilhosa a minha amada; digo, na segunda, como era graciosa a sua companhia; digo, na terceira, que influências virtuosas exercia. A segunda parte começa em: *deve quem com ela vá*; a terceira em: *E sua beleza*. Esta última parte divide-se em três: digo, na primeira, o que exercia nas damas enquanto a elas mesmas; digo, na segunda, como influía nelas por outrem; e, na terceira, como, não só nas mulheres, mas em todas as pessoas, e não só em presença, mas por recordação, influía maravilhosamente. A segunda parte começa em: *O olhar seu*; e a terceira em: *E é tão gentil*.

XXVII

Depois disto, comecei um dia a pensar sobre aquilo que tinha dito da minha dama nos dois sonetos anteriores. E verificando em meu pensamento que não tinha referido o que no presente agia em mim, parecia-me que havia falado defeituosamente. Propus-me, então, escrever uns versos nos quais declarasse como me parecia estar disposto a receber a sua influência, e como operava em mim a sua virtude. Julgando não poder dizer tudo isto na brevidade dum soneto, comecei então uma canção que começa: *Por tanto tempo*.

VIDA NOVA

Por tanto tempo me venceu o Amor
e costumou à sua senhoria,
que assim como era duro, antigamente,
suave agora o sinto no meu peito.
Quando o valor me tira, assim, de tal maneira
que parece que os meus espíritos debandam,
tenta a débil alma minha
uma doçura tal que o rosto se esmorece,
pois tem o amor em mim tanto poder
que faz os meus espíritos ir falando,
e inda mais chamando
a minha dama, para ouvir seu cumprimento.
Isto me ocorre onde quer que ela me veja,
e é coisa tão modesta, que se não pode crer.

XXVIII

Quomodo sedet sola civitas plena populo! facta est quasi vidua domina gentium ⁽¹⁾. Ainda não tinha passado do início dessa canção, de que só havia terminado a estrofe anterior, quando o Senhor dos justos chamou a minha amada para que goze da Glória sob o sinal da Rainha bendita, Virgem Maria, cujo nome recebeu sempre grande veneração nas palavras da bem-

aventurada Beatriz. E ainda que fosse talvez oportuno dizer alguma coisa da sua partida deste mundo, não é minha intenção fazê-lo, por três razões: é a primeira que não pertence ao propósito que nos determinou a escrever, se queremos observar o proémio que precede este opúsculo; é a segunda que, ainda quando participasse desse propósito, não saberia eu tratá-lo como seria necessário; e a terceira que, mesmo eliminando os obstáculos anteriores, não me convém fazê-lo, porquanto teria de converter-me num apologista de mim mesmo, coisa, depois de tudo, assaz censurável. Deixarei, portanto, o assunto a outro glosador. Todavia, como o número nove muitas vezes se mostrou entre as palavras anteriores, não sem razão ao que parece, e na partida da minha amada dir-se-ia que teve grande importância esse número, convém dizer aqui alguma coisa que julgo pertinente. Direi, em primeiro lugar, como tal número interferiu na sua partida, e logo explicarei a razão pela qual o mesmo lhe era tão afeiçoado.

XXIX

Digo que a nobilíssima alma de Beatriz partiu na primeira hora do nono dia do mês, conforme a maneira de computar o tempo na Arábia; no nono mês do ano, segundo a forma de o computar na Síria,

pois que ali o primeiro mês é o primeiro *tisrin*, que corresponde ao nosso Outubro; e no ano da nossa indicação, ou seja do Senhor, cujo número perfeito havia cumprido nove vezes no século em que nasceu. E ela foi dos cristãos da centúria décimo-terceira ⁽¹⁾. Uma das razões porque o dito número era tão seu amigo poderia ser a de que, segundo Ptolomeu e a verdade cristã, são nove os céus que se movem, os quais, no consenso dos astrólogos, nos transmitem as relações harmoniosas a que estão submetidos; pelo que a fidelidade do número nove significaria que na sua geração estavam os nove céus em perfeitíssima harmonia. É esta uma razão; mas, pensando mais subtilmente, e segundo a verdade infalível, foi esse número ela mesma, — por semelhança, tal como o entendo. O número três é a raiz de nove, pois que, sem outro número, multiplicado por si mesmo dá nove: vemos claramente que três vezes três faz nove. Se três é por si mesmo factor de nove, e se, por outra parte, o factor por si mesmo dos milagres é três, isto é o Padre, o Filho e o Espírito Santo, que são três e um, foi a minha amada acompanhada do número nove para dar a entender que era ela um nove, ou seja, um milagre, cuja raiz, do milagre, é somente a Santíssima Trindade. Talvez ainda por mais subtil pessoa se encontrasse

nisto mais subtil razão; esta todavia é a que vejo e a que mais me ajuda.

XXX

Uma vez partida deste mundo, ficou a aludida cidade quase como viúva despojada de toda a dignidade; pelo que, chorando em meio de tanta desolação, escrevi aos principais da terra acerca do seu estado, citando aquele começo das palavras do profeta Jeremias que diz: *Quomodo sedet sola civitas*. E digo isto para que ninguém se espante de que o tenha aduzido antes, como introdução à nova matéria. E se quisessem repreender-me de que não escreva eu aqui as palavras que seguiam as citadas, desculpar-me-ia com que o meu propósito é, desde o princípio, escrever em vulgar, pelo que, como as palavras que seguem as citadas são todas latinas, sairia do meu intento se as transcrevesse. E semelhante desejo — o de que lhe escrevesse apenas em vulgar — teve o meu primeiro amigo, a quem isto dirijo.

XXXI

Depois dos meus olhos terem chorado por largo tempo, e tão fatigados ficarem que já não podiam desafogar a minha tristeza, pensei aliviá-la com dolori-

das palavras; propus-me, por isso, escrever uma canção onde, entre lágrimas, discorresse acerca daquela por quem uma dor tão grande destruíra a minha alma. Comecei, então, a canção, que começa: *Olhos magoados, do que me vai na alma*. E para que a canção ofereça mais claridade, dividi-la-ei antes de escrevê-la, como farei de ora avante.

A canção consta de três partes: é a primeira o próêmio; na segunda, falo dela; na terceira, dirijo-me a ela lastimosamente. A segunda parte começa em: *Subiu Beatriz*; a terceira em: *Triste canção minha*. Divide-se a primeira parte em três: digo, na primeira, porque me determino a escrever; na segunda, a quem desejo escrever; e, na terceira, de quem quero escrever. A segunda destas começa em: *e porque me recorda*; a terceira em: *e falarei*. Quando digo, depois: *Subiu Beatriz*, falo dela; e com isto formo duas partes: digo, na primeira, a razão porque nos foi arrebatada, e, na segunda, como todos lamentam a sua partida. Esta parte começa em: *Saindo de sua pessoa*. E divide-se, por seu turno, em três: digo, na primeira, quem a não chora; na segunda, quem a chora; falo, na terceira, do meu estado. A segunda destas partes começa em: *mas vem tristeza e vem desejo*; e a terceira em: *Angústia me produz*. Quando digo, depois: *Triste canção minha*, falo à canção, designando-lhe as damas a que deve dirigir-se, e com as quais há-de permanecer.

DANTE

Olhos magoados do que me vai na alma,
têm de chorar sofrido pena tanta
que vencidos ficarão de hoje em diante.
Se quero, então, desafogar a dor
que, pouco a pouco, à morte me conduz,
dizer, me importa, os meus tormentos.
E recordando que falei
da minha amada, quando viva,
convosco, damas belas,
não vou falar a outro que não seja
um gentil peito feminino;
e falarei chorando,
pois que ela foi para o céu, subitamente,
e magoado me deixou o Amor.
Subiu Beatriz ao alto céu,
no reino onde os anjos têm paz,
— ficou, com eles, e vós, mulheres, o consentistes:
não foi fria, nem veemente,
como a outras acontece,
mas sim, e apenas, foi benigna;
a luz da humildade sua
passou os céus com virtude tanta
que fez maravilhar o Sempiterno,
e de tal modo que um desejo doce
lhe acudia de chamar essa virtude;
e logo a si a fez trazer
porque a vida que arrastamos, vil,
não era digna de cousa tão gentil.

VIDA NOVA

Partiu, então, sua pessoa bela,
cheia de graça, o espírito gentil,
a ser gloriosa em sítio digno dela.
Quem a não chora, quando nisso pensa,
peito tem de pedra, tão malvado, e vil,
que nele não pode entrar um espírito bondoso.
Não é de peito vil tão alto engenho
que dela possa imaginar alguma coisa,
e por isto não lhe ocorre o dom do pranto:
mas vem tristeza e vem desejo
de suspirar e de morrer de pranto,
e de todo o refrigério a alma se despoja,
a quem imaginar alguma vez
como ela era, e como foi levada.
Angústia me produz suspiros fundos
quando na mente grave o pensamento
me recorda a que o coração me dividiu:
e, bastantes vezes, na morte me detendo,
vêm-me um desejo tão suave
que a cor do rosto me trasmuda.
E quando o imaginar se torna bem preciso
tanta pena me vem de toda a parte,
que me agito com a dor que sinto;
e torno-me tão estranho
que das gentes me afasto por vergonha.
Depois, em choro, só no meu lamento,
chamo Beatriz, e digo: «És tu morta?»;
e enquanto a estou chamando, me conforta.

DANTE

Chorar de dor e suspirar de angústia
me dilacera o peito onde quer que eu esteja,
e de tal modo que enfadaria a quem me ouvisse:
e qual se tornou a minha vida, depois
que a minha amada ao céu subiu,
língua não há que dizer o possa:
assim, senhoras minhas, ainda que o quisesse,
não saberia eu bem dizer aquilo que sou
tanto me atormenta a acerba vida;
a qual segue tão envilecida
que todo o homem parece que me diz: «Eu te
desprezo»,
vendo o meu lábio esmorecido.
Mas qual eu seja, a minha amada bem o vê,
e por isso dela espero recompensa.
Triste canção minha, agora vai chorando;
e acha as damas e donzelas
a quem tuas irmãs
levavam, de costume, a alegria;
e tu, que sei filha da tristeza,
vai-te, desconsolada, a estar com elas.

XXXII

Depois que escrevi esta canção, veio ter comigo
alguém que, segundo os graus de amizade, é o meu

VIDA NOVA

segundo amigo ⁽¹⁾, o qual tinha tal parentesco de consanguinidade com a gloriosa Beatriz que não podia ser-lhe mais próximo. E, uma vez que se encontrou comigo, rogou-me que dedicasse uns versos a uma dama que tinha morrido; e dissimulava as suas palavras, a fim de que parecesse que falava duma outra que também tinha falecido: pelo que, advertindo que se referia apenas à bem-aventurada Beatriz, lhe disse que faria o que me pedia. Pensando nisso, propus-me escrever um soneto, no qual me lamentasse um tanto, e dá-lo a esse meu amigo a fim de que parecesse que para ele o havia feito; fiz, então, o soneto que começa: *Vinde a ouvir os suspiros meus*. O qual tem duas partes: na primeira, chamo os fiéis do Amor para que me oiçam; descrevo, na segunda, a minha mísera condição. A segunda começa em: *Vão desconsolados*.

Vinde a ouvir os suspiros meus,
Corações gentis, que de piedade necessitam:
Vão desconsolados no caminho,
e não fossem eles, que de pena eu morreria;
pois que os olhos me maltratam,
muitas vezes mais do que eu queria,
ai de mim! de chorar tanto a minha dama,
ainda que, chorando-a, desafogo.
Ouvi-los-eis chamar constantemente
a minha amada, que partiu

DANTE

para a vida que a merece;
e desprezar, então, a vida que vivemos,
em pessoa de alma magoada
pois a não pode ouvir nem ver.

XXXIII

Uma vez composto o soneto, e considerando quem era aquele a quem pensava entregá-lo para que passasse por seu, pareceu-me pobre e desprovido o serviço que assim rendia a pessoa tão chegada à gloriosa Beatriz. Por isso, antes de entregar o soneto, compus duas estrofes duma canção, uma verdadeiramente para ele, e a outra para mim, ainda que quem as não examine subtilmente as possa julgar dirigidas a uma mesma pessoa; quem subtilmente o faça verá que falam pessoas distintas, porquanto uma não chama senhora sua a Beatriz, e a outra sim, o que é manifesto. Dei ao meu amigo a canção e o soneto, dizendo-lhe que só para ele os havia composto.

A canção começa: *Cada vez que*, e tem duas partes: numa, isto é na primeira estrofe, lamenta-se o meu amigo, tão chegada a ela; na segunda, isto é, na outra estrofe que começa: *Colhe-se nos suspiros meus*, lamento-me eu. E assim resulta que nesta canção se lamentam duas pessoas, uma das quais o faz como irmão, e outra como servo.

VIDA NOVA

Cada vez que, ai de mim!, me lembro
que não mais verei
a dama por quem sofro assim,
tanta dor reúne no meu peito
a mente dolorosa
que digo: «Como, alma minha, não te ausentas?
que os tormentos que trazes
nesta vida, tão custosa,
de medo me tornam cuidadoso»...
E chamo a morte,
qual suave e doce meu repouso;
e digo «vem a mim» com ternura tanta
que invejoso sou de todo aquele que morre.
Colhe-se nos suspiros meus
um tom de piedade
que a Morte vai chamando de contínuo:
para ela se voltaram meus desejos,
quando a minha amada
foi de sua crueldade ferida;
que o deleite da beleza sua,
saindo da vida que vivemos,
se torna espiritual beleza grande,
que pelos céus se expande
em luz de amor, que aos anjos enternece,
e a inteligência destes poderosa,
subtil faz maravilhar, tão gentil é.

No primeiro aniversário do dia em que a minha amada tomou lugar entre os cidadãos da vida eterna, estava eu sentado em sítio, onde, recordando-me dela, desenhava um anjo sobre tabuinhas; volvendo os olhos, vi não longe de mim alguns cavaleiros aos quais me cumpria atender. Olhavam o que eu fazia; conforme depois me disseram, havia algum tempo que aí se encontravam antes de que me desse conta. Quando os vi, levantei-me, e, saudando-os, disse: «Outra pessoa pensava eu agora ter por testemunha». Quando se afastaram voltei ao meu trabalho, ou seja a desenhar figuras de anjos: e estando nisto veio-me o desejo de escrever em comemoração do aniversário, dirigindo-me a esses que se me haviam acercado. Compus, então, o soneto que começa: *À minha mente*, o qual tem dois começos pelos quais o dividirei.

Digo que conforme o primeiro começo tem o soneto três partes: na primeira, digo que a minha amada estava já na minha memória; na segunda, digo o que o Amor por isso me fazia; falo, na terceira, dos efeitos do Amor. A segunda começa em: *Amor, que*, a terceira em: *Chorando se iam*. Esta parte divide-se em duas: digo, na primeira, que todos os meus suspiros saíam falando; na segunda, que alguns falavam de maneira distinta da dos outros. A segunda começa em:

Mas aqueles. Por este mesmo modo se divide o segundo começo, salvo que na primeira parte digo quando imaginei a minha amada, o que não refiro no outro.

Primeiro começo

À minha mente era chegada
a gentil dama que por seu valor
foi posta pelo Altíssimo Senhor
no céu da humildade, com Maria.

Segundo começo

À minha mente era chegada
a gentil dama por quem chora o Amor,
naquele momento em que o seu valor
vos trouxe a contemplar o que eu fazia.
Amor, que na mente a encontrava,
despertara já no peito destruído,
e aos suspiros dizia: «Saí»;
pelo que cada um, dolente, obedecia.
Chorando se iam do meu peito
com uma voz que amiúde leva
aos olhos tristes, lágrimas doridas.
Mas aqueles que brotavam com mais custo,
dizendo vinham: «Ó nobre inteligência,
hoje faz anos que ao céu foste levada».

DANTE

XXXV

Algum tempo depois, como estivesse em lugar que me recordava tempos passados, andava tão preocupado e com tão dolorosos pensamentos que apresentava um aspecto de terrível abatimento. Pelo que, suspendendo o meu trabalho, levantei os olhos para ver se alguém me observava. Vi então uma gentil mulher muito jovem e bela que de uma janela me olhava tão piedosamente que toda a piedade parecia ter-se acolhido nela. E como aconteça que quando os míseros vêem que outros se compadecem deles mais depressa se movem a chorar como que apiedados de si mesmos, senti então que os meus olhos começavam a encher-se de lágrimas. Antes, todavia, temendo mostrar o meu miserável estado, apartei-me dos olhos dessa gentil mulher, dizendo entre mim: « É impossível que em tão piedosa dama não exista um nobilíssimo amor. Então, decidi escrever um soneto, em que me dirigisse a ela, e incluisse tudo quanto acabo de dizer. E como por isso é assaz manifesto, não o dividirei. O soneto começa: *Viram os meus olhos.*

Viram os meus olhos quanta piedade
aparecia em vosso rosto
quando véis os gestos e o estado

VIDA NOVA

a que a dor amiúde me conduz.
Surgiu-me então que vós pensáveis
a qualidade da minha estranha vida,
e isso fez que o medo me viesse
de com os olhos demonstrar minha vileza.
Da vossa vista me tirei, sentindo
que as lágrimas desde o peito me subiam,
dominado da presença vossa.
Depois dizia eu na alma triste:
«Deve com aquela dama estar o Amor
que me faz andar assim chorando».

XXXVI

Aconteceu depois que, onde quer que essa dama me visse, tomava ela um rosto piedoso e uma cor pálida quase como de amor; por isso me recordava a minha nobilíssima amada que com semelhante palidez se me mostrava. E, em verdade, não podendo chorar nem desafogar a minha tristeza, procurava ver tão compassiva mulher que parecia com a sua presença arrancar-me as lágrimas dos olhos. Ganhou-me, por isso, a vontade de escrever uns versos dirigidos a ela. Compus, então, o soneto que começa: *Cor de amor*, que não precisa de divisão, pelo que acabamos de dizer.

DANTE

Cor de amor e rosto compassivo
nunca ganhou assim maravilhosamente
um rosto de mulher, por repetidamente
ver olhos gentis ou dolorido pranto,
como o vosso, quando vedes
os meus lábios magoados;
e de tal modo que por vós me acode à mente
o temor de que o peito se espedace.
E não posso ter os olhos destruídos
que vos não olhe, a vós, bastantes vezes,
pelo desejo que têm de chorar:
e tanto essa vontade avigoraís
que só de querê-lo todos se consomem;
mas ante vós chorar, isso não fazem.

XXXVII

Cheguei a tanto pela vista dessa dama que os meus olhos começaram a gostar demasiado de a ver: do que resultava que muitas vezes isso me torturasse intimamente e levasse a considerar-me bastante vil. Muitas vezes abominava a vaidade dos meus olhos, e lhes dizia em pensamento: «Vós costumáveis fazer chorar quem via o vosso estado, e agora parece que desejais desmenti-lo por essa dama que vos olha; que a vós não olha, senão enquanto lhe pesa a morte da mulher gloriosa por quem costumais chorar. Fazei,

VIDA NOVA

porém, quanto puderdes, que eu vo-la recordarei muitas vezes, execrados olhos, para que nunca, senão depois da morte, cessem as vossas lágrimas». E quando assim havia repreendido dentro de mim os meus olhos, assaltavam-me grandíssimos e angustiosos suspiros. E a fim de que a batalha que havia comigo não ficasse a ser conhecida apenas do mísero que a sentia, propus-me fazer um soneto em que compreendesse esta horrível situação. Escrevi, então, o soneto que começa: *O amaro prantear*. Consta de duas partes: na primeira, falo aos meus olhos tal como dentro de mim falava ao coração; na segunda, removo algumas dúvidas, mostrando quem é que assim fala; começa esta parte em: *Assim diz*. Poder-se-ia ainda fazer mais divisões, mas seriam inúteis, dada a explicação anterior.

O amaro prantear a que vos destes,
ó olhos meus, durante tanto tempo,
chorar fazia os outros,
compassivos, como vistes.
Parece-me, ora, que vós o esqueceríeis,
se fosse eu de meu lado tão ingrato,
que vos não sacudisse a toda a hora,
lembrando-vos aquela que chorastes.
Cuidar me faz vaidade vossa,
e tanto me amedronta, que assaz temo
o rosto duma dama que vos olha.

DANTE

Nunca devereis, senão por morte,
esquecer a vossa dama, que morreu»...
Assim diz o coração; depois, suspira.

XXXVIII

A presença daquela dama alterava-me de tal modo, que amiúde pensava nela como em pessoa que me agradasse demasiado; e assim pensava dela: «Esta é uma mulher gentil, bela, jovem e sábia, aparecida talvez por vontade do Amor, a fim de que a minha vida se refaça». E amiúde pensava mais amorosamente, até ao ponto de que o coração chegava a consenti-lo. E quando eu o havia consentido, logo o repensava como movido da razão, dizendo entre mim: «Que pensamento é este, Deus meu, que assim de tão vil modo me quer consolar e quase me não deixa pensar noutra coisa?» Vinha depois um outro pensamento que me dizia: «Se estás em tal tribulação porque não queres sair de tanta amargura? Bem vês que é um hálito de amor que traz consigo os desejos amorosos desde os olhos gentis da mulher que tão compassiva se mostrou». Pelo que, tendo assim mais vezes combatido em mim mesmo, queria dizer algumas palavras; e porque a batalha dos pensamentos era vencida pelos que a advogavam, pareceu-me conveniente falar-lhe.

VIDA NOVA

Compus, então, o soneto que começa: *Pensamento gentil*. E digo «gentil» enquanto se refere à gentil mulher, pois que por outro lado era vilíssimo.

Deste soneto estabeleço duas partes em mim, conforme eram divididos os meus pensamentos. A uma delas chamo coração, isto é, apetite; à outra, alma, isto é, razão; e digo como uma e outra falam entre si. Que seja apropriado chamar coração ao apetite, e alma à razão, é assaz manifesto para aqueles aos quais me agrada que o seja. Verdade é que no soneto anterior tomei o partido do coração contra o dos olhos, o que parece contrário ao que digo no presente; digo, por isso, que entendo aí coração pelo desejo, pois que maior anelo era o meu de recordar a minha gentilíssima amada do que ver esta outra dama, embora já sentisse algum desejo desta, apesar de ligeiro. Pelo que se mostra que o que diz um soneto não é contrário ao outro.

Este soneto tem três partes: na primeira, começo a dizer a esta dama como o meu desejo todo se volta para ela; na segunda, digo como a alma, isto é a razão, fala ao coração, isto é ao apetite; na terceira digo como este lhe responde. A segunda parte começa em: *A alma diz*; a terceira em: *E o coração responde*.

Pensamento gentil que vos pertence
amiúde vem a estar comigo,
e fala-me de amor tão docemente,

que faz que nele consinta o coração.
 A alma diz então: «Quem será este
 que vem a consolar a nossa mente,
 e é de virtude tão potente,
 que nenhum outro deixa estar com ele?
 E o coração responde: «Ouvi alma cuidadosa:
 é este um novo espírito de amor,
 que traz até mim os seus desejos;
 a sua vida, e todo o seu valor,
 flui desde os olhos da dama piedosa
 que se afligia com o martírio nosso.

XXXIX

Contra este versário da razão se ergueu em mim um dia, quase na hora de nona, uma forte imaginação, pela qual me parecia ver a gloriosa Beatriz com aquelas vestes sanguíneas com que me apareceu na primeira vez; e parecia-me jovem como nessa altura. Comecei então a pensar nela; e à medida que ia revivendo o tempo passado, o meu coração mais e mais se arrependia do desejo a que vilmente se tinha deixado arrastar contra a constância da razão. Uma vez rechaçado esse malvado desejo, todos os meus pensamentos se voltaram para a gentilíssima Beatriz. E digo que, desde então, passei a pensar nela com o coração tão envergado

nhado que os suspiros o manifestavam muitas vezes; suspiros que, quase todos, ao sair, diziam o que me ia no coração, ou seja o nome da minha gentilíssima amada, e como nos deixou. E muitas vezes acontecia que era tanta a dor que continha um pensamento que o esquecia e esquecia o sítio onde estava. Por este recrudescimento dos suspiros se reacendeu o apaziguado pranto em tal guisa que os meus pareciam duas coisas que só desejavam chorar; e sucedia bastante que pela longa continuação do pranto se formava em torno deles uma cor purpúrea que só costuma aparecer quando se recebe algum suplício. Pelo que se conclui que foram justamente castigados da sua vaidade; e de tal forma que, desde então, não poderiam olhar pessoa que os fitasse tanto que o pudesse trazer a tal situação. Pelo que eu, querendo que aquele desejo malvado e vã tentação parecessem destruídos, sem que os versos anteriores pudessem induzir em dúvida, decidi escrever um soneto em que compreendesse o que acabo de contar. E compus então: *Ai de mim! por força de suspiros abundantes*; e escrevi «ai de mim» por me envergonhar da ligeireza com que os meus olhos haviam procedido.

Não divido o soneto porque é evidente o seu sentido.

*Ai de mim! por força de suspiros abundantes,
 que nascem de tudo o que me vai no peito,*

os olhos estão vencidos, sem valor,
 para enfrentar pessoa que os olhe.
 E vão neles, parece, dois desejos,
 o de chorar e o de mostrar dor;
 e amiúde choram tanto, que Amor
 os cerca duma coroa de martírio.
 Estes cuidados, e os suspiros que deito,
 no coração se tornam de tal modo angustiosos,
 que o Amor nele desfalece, tanta dor sente;
 por isto que em si levam, dolorosos,
 um doce nome escrito, de mulher,
 e, da morte sua, palavras copiosas.

XL

Depois desta tribulação, no tempo em que muita gente acode a ver a imagem bendita que Jesus Cristo nos deixou para memória da Sua belíssima face, que a minha amada contempla na glória, aconteceu que alguns peregrinos passaram por uma rua que se situa quase no meio da cidade onde nasceu, viveu e morreu a gentilíssima mulher. E esses peregrinos andavam, ao que me pareceu, muito cuidadosos; pelo que, pensando neles, disse entre mim: «Parecem-me, estes, peregrinos de terras remotas, e não creio que também tenham ouvido falar da minha amada e disso saibam alguma cousa; antes, ao contrário, pensarão em cousas

diferentes destas, talvez nos seus amigos distantes, que nós não conhecemos». Depois, dizia comigo: «Sei que se fossem de países próximos mostrariam rostos contristados passando pelo meio da dolorosa cidade». E ainda: «Se os pudesse reter uns momentos, fá-los-ia chorar antes de saírem desta cidade, pois que diria palavras que enterneceriam até às lágrimas quem quer que as ouvisse». Pelo que, idos que foram da minha vista, me propus fazer um soneto, no qual manifestasse o que havia dito interiormente. A fim de que resulte mais lastimoso, propus-me escrevê-lo como se tivesse falado com eles. Escrevi então o soneto que começa: *Peregrinos que ides cuidadosos*. E disse peregrinos: na larga acepção do vocábulo, pois que peregrinos se pode entender de dois modos, um largo, e outro estricto: no primeiro, enquanto é peregrino todo aquele que está fora da pátria; no segundo, se vai para a casa de S. Tiago ou se de aí regressa. Além disso, é de saber que de três modos se denominam propriamente aqueles que vão servir o Altíssimo: palmeiros, se vão além-mar, de onde muitas vezes trazem a palma; peregrinos, se vão ao templo de Galiza, pois a sepultura de Santiago está mais distante da sua pátria que a de qualquer outro apóstolo; romeiros, se vão a Roma que era aonde se dirigiam os meus peregrinos.

Não divido este soneto porque o seu sentido é óbvio.

Peregrinos que ides cuidadosos,
talvez de cousas que não estão presentes,
vindes vós de tão remota gente,
como ao olhar parece que mostrais,
que não carpis quando pelo meio
da cidade triste ides de caminho,
como aqueles cuja gravidade
parece nada ouvir?
Se aqui ficásseis por querer ouvi-lo,
exacto o coração com suspiros me diz
que chorando logo não ouviríeis mais.
Perdeu esta cidade a sua Beatriz;
e todas as palavras que algum dela dizer possa
virtude têm de fazer chorar quem quer.

XLI

Duas gentis senhoras me rogaram que lhes mandasse estes versos, e eu, atendendo à sua nobreza, propus-me mandar-lhos, e fazer-lhes alguma cousa nova que lhes mandasse também, a fim de que mais dignamente atendesse os seus pedidos. Escrevi então um soneto que descrevia o meu estado, e enviei-lho acompanhado do soneto anterior e do outro que começa: *Vinde a ouvir*.

O soneto que então compus, começa: *Além da esfera*; e contém cinco partes. Digo, na primeira, aonde

vai o meu pensamento, designando-o pelo nome de algum seu efeito. Digo na segunda, porque sobe, isto é, aquilo que o faz andar. Digo, na terceira, aquilo que vê, ou seja uma dama, a quem se honra nas alturas; chamo-lhe, então, «espírito peregrino» porque espiritualmente vai ali, e ali reside, qual peregrino fora da sua pátria. Digo, na quarta, como ela é vista, ou seja em tal qualidade que o não posso entender; poderia dizer-se que o meu pensamento penetra na sua qualidade em grau que a minha inteligência não pode compreender, pois que está esta para as almas bem-aventuradas como os nossos débeis olhos estão para o sol, o que diz o Filósofo no segundo livro da Metafísica. Digo, na quinta, que, conquanto eu não possa entender aquilo a que o pensamento me leva, isto é, a sua admirável qualidade, ao menos entendo isto, ou seja, que tudo exprime o pensar na minha amada, pois que o seu mesmo nome sinto no meu pensamento. No fim desta quinta parte digo: «damas minhas», para fazer entender que é a damas que me dirijo. A segunda parte começa em: *Nova inteligência*; a terceira em: *Quando é chegado*; a quarta em: *E vê-a tal*; e a quinta em: *Sou eu, enfim, que falo*. Poder-se-ia dividir ainda mais subtilmente, e mais subtilmente fazer entender; mas pode-se aceitar esta divisão, pelo que não tentarei dividir mais.

DANTE

Além da esfera que mais larga gira
passa o suspiro que sobe do meu peito:
nova inteligência, a qual o Amor,
chorando, nele põe, para que suba.
Quando é chegado lá onde deseja,
vê uma dama, centro de honrarias
e virtudes tantas, que por seu esplendor
a olhá-la fica o peregrino espírito.
E vê-a tal, que o não percebo quando
o oiço; não sei que o faz falar
ao peito dolorido, tão subtil é.
Sou eu, enfim, que falo daquela formosíssima,
que bastante recordo Beatriz,
assim que bem o entendo, damas minhas.

XLII

Apareceu-me depois deste soneto uma maravilhosa visão, na qual vi coisas que me decidiram a não falar dessa bem-aventurada enquanto não pudesse fazê-lo mais dignamente. Para consegui-lo, estudo quanto posso, como ela o sabe verdadeiramente. Se é do agrado de Aquele a quem tudo deve a existência, que eu viva ainda alguns anos, espero dizer de Beatriz o que não foi dito de mulher nenhuma. Depois, apraza Aquele que é Senhor da cortesia, que a minha

VIDA NOVA

alma possa contemplar a glória da sua dama, a bem-aventurada Beatriz, que gloriosamente olha no rosto Aquele *qui est per omnia secula benedictus*.